

Espectáculo Imprevisível XI (45')
Núcleo de Improvisação
Galeria Olido/Sala Paissandu

O nome da obra aponta para um enigma: temos um espetáculo que se assume imprevisível por princípio, apesar de sabermos que todos os espetáculos das artes da cena comportam, sem exceção, um grau ou outro de “imprevisibilidade”.

Concebidos para serem apresentados diante dos olhos do público, em determinado intervalo de tempo, são realizados a partir de uma estrutura que se prepara fora do palco, nele repetindo-se rítmica após rítmica e, neste labor, muitas situações inesperadas – das quase imperceptíveis às mais identificáveis – podem acontecer, muitas vezes por acaso.

Apesar disto, desde o “romântico em dança” o cuidado para que o “imprevisível” não se manifeste foi sendo consolidado através de múltiplas estratégias cênicas, que até hoje prevêm que os mecanismos que estão por trás de uma obra não se revelem enquanto tal.

Dentro desta dinâmica, o imprevisível seria encarado com uma falha e não um ganho para a estética de cada obra.

A partir da modernidade esta questão esboroa quase em muitos sentidos e tal como estratégias que saltam de caixa de pandora aberta, mecanismos, esforços, respiração ofegante, tentativa-e-erro são colocados em cena, como a mostrar do que é feita a matéria (e não somente a alma) da arte.

Em dança, tais estratégias encontram nos sistemas de improvisação, que, de maneira múltipla, propõem o improviso e portanto o que de imprevisível, subjacente à dança de todos e de cada um, possa aparecer em processos de significação construídos em salas/estúdios de dança ou no ato da dança em si, sobre o palco.

O *Núcleo de Improvisação*, dirigido pela coreógrafa Zélia Monteiro, uma das grandes criadoras da modernidade do Brasil, inscreve-se por sobre esta tradição moderna.

Sua dança nasce/estrutura-se/apresenta-se pela e na improvisação, construída por mergulhos iluministas em estruturas corporal, sistema herdado dos ensinamentos do mestre Klauss Vianna.

Monteiro e seus intérpretes vem atualizando esta herança sem cessar, filtrando os preceitos de Vianna a partir de suas trajetórias particulares, em busca de uma dança que partindo do “espaço interior” a cada intérprete, se espraia em direção ao “espaço de fora” e aos colegas de cena, atualizando-se enquanto texto cultural, estético e artístico.

Aparentemente sem mistérios, se pensarmos na profusão das técnicas contemporâneas de nossos dias (já há muito tempo decorrido do início da introdução do improvisado nesse campo), a proposta exige uma escuta profunda de si e entre intérpretes.

Todos oriundos de culturas corporais e profissionais específicas possuem *backgrounds* especiais de movimentos - suas histórias corporais - edificadas no trânsito entre cultura e natureza.

Através do movimento e da base estrutural de onde ele parte – o corpo-, são incessantemente prescrutados, mediante a estrutura móvel de escritas coreográficas sempre renovadas, e portanto, de fato, imprevisíveis.

Desta maneira, em “Imprevisíveis”, o que é previsto são as combinações destas infindáveis possibilidades de movimentação de bailarinos, que a partir de uma sólida base nestes percursos da improvisação, vão colocando e recolocando em cena, seus conteúdos corporais. Do resultado destes mosaicos em movimento nasce a dramaturgia final da obra “Imprevistos”.

Esta, a cada vez que é levada à cena, ganha também por título o número de sua apresentação, neste caso o XI, em um trabalho que se assume como seriado, posto calcado na experiência corporal de cada intérprete, testada e “restestada” em estratégias que somadas representam a trajetória conjunta do núcleo.

Finalmente, apesar da base do trabalho com o imprevisível brilhar em cada um e em todos, segue a partitura de dois canevas, que como fios condutores guiam esta dramaturgia fruto do imprevisto acrescido de meses de experiência em comum – a trilha sonora/musical e o desenho de luz.

Todavia, os *canevas* propostos para o trabalho de Zélia Monteiro, diferentemente de uma partitura rígida para a dança, funcionam subsidiariamente às cenas, pontuando-as como proto-grafia de apoio à sua realização.

Em *Espetáculo Imprevistos XI*, atuam como nichos sonoros e visuais, nos quais a força da escritura coreográfica pode se alojar caso seja opção dos artistas do Núcleo de Improvisação, durante o fluxo vertente de sua improvisação,

Caso isto não aconteça, modernamente, a dança se sustenta a si mesma, comunicando conteúdos de cada um, que como nossos representantes contam-nos, através e pela arte da dança, de um mundo desde sempre instável.